

“ZU FREMD SIND SEINEM KÖRPER DIESE EMPFINDUNGEN GEWORDEN”: APRENDENDO COM OS DESAFIOS NO ROMANCE *IM ZIMMER WIRD ES STILL*, DE JAN WALTHER

Dionei MATHIAS*

- **RESUMO:** O romance *Im Zimmer wird es still*, publicado em 2011 por Jan Walther, faz parte de um conjunto de obras ficcionais da literatura de expressão alemã que aborda a questão da sexualidade. Sexualidade é entendida neste contexto como conjunto de normas culturais vigentes num determinado espaço social que disciplina as formas como prazer e desejo podem ser vividos. Nesse sentido, este artigo pretende discutir (1) como os protagonistas do romance lidam com os sistemas de classificação previstos no seu espaço de interação e (2) o modo como eles inserem o imperativo do prazer em suas identidades pessoais. Nesses dois aspectos, seu comportamento parece ter claros elementos de dissidência.
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Im Zimmer wird es still*. Jan Walther. Sexualidade.

Introdução

Em muitos textos da literatura de expressão alemã, a sexualidade tem um papel fundamental na dinâmica de organização do enredo: A morte de *Emilia Galloti* diante do risco de destruição da identidade burguesa nascente; a afirmação da força vital nas *Elegias Romanas*, de Goethe, ou a negação desses mesmos impulsos em *Os sofrimentos do Jovem Werther*; o reconhecimento do próprio corpo em *Senhorita Else*, de Arthur Schnitzler; mais recentemente, também, os potenciais patológicos e destrutivos de *A pianista*, de Elfriede Jelinek. Em nenhum desses textos narrativos ou poéticos, parece-me, há um movimento de reflexão explícita sobre o lugar da sexualidade no processo de construção de identidades íntima ou social. O que o leitor encontra são personagens confrontados com as forças inerentes a esse elemento corporal, forçados a administrar essa energia de algum modo e, nisso, dissonando das práticas majoritárias.

* UFSM – Universidade Federal de Santa Maria – Centro de Artes e Letras – Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas – Santa Maria – RS – Brasil. 97105900 – dioneimathias@gmail.com.

Nesses exemplos, não há militância no sentido de uma organização de identidade de grupo que defenda uma determinada configuração (progressista ou conservadora) de concretizar a sexualidade. No lugar dessa articulação pública, surgem percursos individuais, nos quais cada personagem administra seu corpo e sua narrativa pessoal, em consonância ou dissidência com as práticas permitidas num determinado espaço social. Contudo, apesar da ausência da militância ou de uma voz refletidamente articulada, há potenciais de dissidência nessas exposições, pois essa mesma voz pode servir de modelo ou antimodelo para imaginar narrativas de identidade no universo extraficcional, aqui em consonância ou dissidência com as convicções e as possibilidades de imaginação de cada indivíduo leitor.

No romance *Im Zimmer wird es still*, sem tradução para o português e traduzido livremente aqui como “No quarto se faz silêncio”, o leitor encontra dois vetores de organização do enfeixamento narrativo: um processo de rememoração da história pessoal do casal Peter e Andreas e, por outro lado, o presente diegético no qual um dos protagonistas, Peter, se encontra em fase terminal de câncer. Ao contrário dos outros textos citados, o romance de Jan Walther não faz parte daquilo que se considera o cânone nacional de expressão alemã. Esse romance, contudo, inscreve-se nessa tradição de pensar o impacto da sexualidade e suas implicações para a concretização da vida e para a organização da identidade pessoal.

Talvez seja possível afirmar que sexualidade representa uma experiência comum a qualquer ser humano, independentemente de seu pertencimento à raça, etnia, gênero ou geração. Em cada fase da existência, parece haver um corpo que antecede os conteúdos conscientes e que se manifesta, exigindo a simbolização de algo inerentemente pertencente à realidade visceral da condição humana. A simbolização auxilia o sujeito a refletir sobre esse fenômeno da existência e a direcionar a formação de sentidos que vão nortear suas ações. Isso, contudo, não significa que as ações empreendidas por cada indivíduo sejam frutos de um processo de reflexão. Pelo contrário, grande parte tem sua origem em práticas estabelecidas. É nesta tensão que surge a sexualidade: entre a realidade do corpo individual e a prática majoritária instalada como norma a ser seguida como ordem dominante.

Sexualidade, portanto, não representa somente um fenômeno natural de um corpo isolado. Ela também deriva de um conjunto de práticas que prescreve ao sujeito como deve concretizar suas ações. Nisso, a cultura – entendida como narrativa que fornece malhas de sentidos para nortear as ações – tem um papel fundamental, pois é o princípio que vai determinar o processo de socialização. Nesse processo, cada sujeito aprende as formas estabelecidas de comunicar, pensar, sentir e agir (HANSEN, 2003). Transferido para o âmbito específico da sexualidade, isso significa que cada sujeito é confrontado com expectativas e aprende em seu processo de socialização a comunicar, pensar, sentir e concretizar em ações o corpo e a sexualidade previstos como norma tácita, naquele espaço cultural. Com isso, normalidade ou seu desvio representam resultados de uma prática estabelecida de

“Zu fremd sind seinem körper diese empfindungen geworden”: aprendendo com os desafios no romance *Im zimmer wird es still*, de Jan Walthers

interpretação de realidade (TIEFER, 1995, p. 20), diante da qual cada indivíduo precisa se posicionar. A sexualidade representa uma construção histórica na prática cultural (WEEKS, 1986, p. 15), na qual o sujeito recebe uma narrativa pré-fabricada para dar conta daquilo que seu corpo exige e o impele a procurar no seu espaço de interação.

Essa prática de interpretação de realidade, seja ela histórica ou em processo de formação, prevê sistemas de classificação, isto é, categorias linguísticas para significar excertos da experiência humana, incluindo aí a diversidade da vivência da sexualidade. Ao desenvolver uma reflexão sobre a obra do escritor inglês Ackerley, Bristow (1997, p. 4-5) argumenta:

Ackerley's remarks certainly point to a curious tension between sexual naming and sexual being, revealing the power of the term homosexual to grant a coherent place within the cultural order, while at the same time expressing some discontent at having one's erotic preference attached to a specific classification. This tension suggests that there is always likely to be a gap between the experience of eroticism and the category used to contain that experience¹.

Por um lado, há um esforço de descrição do mundo por meio de nomenclaturas, a fim de alcançar maior precisão nos processos de interpretação dessa realidade. Por outro lado, e isso Bristow parece problematizar, esse esforço ao mesmo tempo que tenta diferenciar também instaura um instrumentário linguístico, por meio do qual cada ator social se apropria da realidade, condicionando com isso o crivo de percepção. O termo, portanto, pode criar *ready-mades* da percepção, agilizando os processos de comunicação, não somente no sentido positivo, e confrontando o sujeito que não se enquadra nesses moldes com o silêncio linguístico. Isto é, ao não encontrar termos adequados para a significação da experiência pessoal, o sujeito ou se subordina às práticas existentes ou busca por caminhos próprios para a instauração de novos conceitos.

Nesse sentido, toda e qualquer sexualidade que não está prevista nas normas do espaço social em que o respectivo sujeito transita precisa, antes de mais nada, discordar – ainda que inconscientemente – das práticas de significação, a fim de instaurar uma voz própria. Nisso, mesmo que os termos existentes sejam insuficientes e insatisfatórios, canalizando processos de percepção de modo

¹ “As colocações de Ackerley certamente apontam para a tensão curiosa entre a nomeação sexual e o ser sexual, revelando o poder do termo homossexual em atribuir um lugar coerente dentro da ordem cultural, enquanto expressa, ao mesmo tempo, uma porção de descontentamento em ter a própria preferência erótica atrelada a uma classificação específica. Essa tensão sugere que lá sempre é provável haver uma lacuna entre a experiência de eroticismo e a categoria usada para conter essa experiência” (BRISTOW, 1997, p. 4-5). Onde não estiver indicado de outro modo, as traduções são do autor deste artigo.

equivocado, eles podem criar uma espécie de mapa da sexualidade (BRISTOW, 1997, p. 4) que enfeixa esforços de diferenciação, a partir dos quais cada sujeito pode primeiramente se localizar e, num segundo momento, inovar as práticas perceptuais estabelecidas. A sanha de classificação, portanto, permanece ambivalente: ela condiciona a percepção, mas também oferece ao sujeito marcado pela alteridade a possibilidade de encontrar um ponto de partida que lhe permita pensar e articular sua diferença, isso, claro, se os mecanismos de controle e disciplina social não forem tão rigorosos, a ponto de silenciar a diferença ainda antes que aflore em sua consciência.

Ao lado da prática cultural de significação e representação, há um segundo vetor nessa discussão, este voltado para o sentido da sexualidade. Os esforços empreendidos ao longo do último século no sentido de emancipar o sujeito e lhe oferecer o instrumentário intelectual para pensar sexualidade a partir de outros eixos contribuíram significativamente para rever a finalidade desse excerto da experiência humana. Contudo, juntamente com o esforço de conquistar a autonomia do corpo, também se instalou um valor identitário de grande peso: o prazer. Talvez seja possível afirmar que um dos valores centrais nas narrativas de identidade no início do século XXI é a busca incansável pelo prazer.

As indústrias cultural e de comunicação de massa diariamente oferecem interpretações da realidade, em que o prazer representa o valor máximo para a concretização da existência, comercializando, juntamente com seus produtos, narrativas de identidade, nas quais sexualidade potencializada figura como eixo estruturador. Nisso, não surgem somente novos valores que condicionam a ação, também aparecem gêneros narrativos com formas de concatenação causal que pré-dispõem como cada indivíduo deve narrar sua história pessoal, de modo a poder afirmar que sua existência é bem-sucedida, prazerosa e digna de inveja.

Em sua discussão, Bristow (1997, p. 12) menciona um livro de autoajuda de Marie Stopes, cujo objetivo reside em potencializar o prazer sexual em matrimônios, e afirma: “permanece uma questão não resolvida se esse tipo de obra, no fim das contas, é emancipador ou opressivo em sua insistência repetida de que a satisfação sexual é uma necessidade humana fundamental”². A pergunta que se levanta aqui reside em questionar o valor atribuído ao imperativo do prazer. Talvez o relacionamento íntimo demande mais do que somente um culto ao hedonismo, exigindo do sujeito um movimento de discordância frente às práticas de narração de identidades bem-sucedidas que servem como norte da ação pessoal.

Nesse sentido, este artigo pretende discutir a representação da sexualidade no romance de Jan Walther a partir de dois eixos: a problematização dos sistemas de classificação e das práticas de representação social, por um lado, e a representação

² “It remains an open question whether such works are ultimately liberating or oppressive in their repeated insistence that sexual satisfaction is a fundamental human need” Bristow (1997, p. 12).

da sexualidade como imperativo do prazer, por outro. O romance de Walther não é dissidente no sentido militante, ele simplesmente confronta o leitor com outras formas de pensar e organizar a narrativa que dizem respeito à sexualidade, concatenando as causas a partir de outros eixos norteadores.

1. Representação social e sistemas de classificação

O romance é narrado por uma voz narrativa heterodiegética, alternando a perspectiva entre os dois protagonistas, Andreas e Peter. A sequência temporal não é cronológica e, em muitas ocasiões, o mesmo acontecimento é narrado a partir das duas perspectivas, permitindo que o leitor compare como cada um dos protagonistas insere esses episódios em sua interpretação de realidade. Peter é vinte anos mais velho que Andreas, o que acaba produzindo modos diferentes de administrar os acontecimentos que caracterizam seu relacionamento.

Ao contrário de Peter, que já tem larga experiência com os sistemas de classificação, incluindo reações típicas a relacionamentos não heterossexuais, Andreas ainda se encontra num estágio em que precisa aprender a organizar suas energias afetivas, a fim suportar o impacto da alteridade imposta. Assim, quando Peter pega sua mão pela primeira vez em público, Andreas não recusa o toque, mas percebe com acuidade como esse movimento desencadeia olhares confusos das pessoas que circulam na mesma área (WALTHER, 2011, p. 17). Em outro episódio, quando Peter passa protetor solar em seu corpo, ele claramente experimenta uma sensação de desconforto diante do potencial de conotações eróticas que poderiam ser atualizadas pelos passantes (WALTHER, 2011, p. 56). Esse mesmo desconforto volta ao ser beijado pelo parceiro, na presença da mãe (WALTHER, 2011, p. 75).

Nessas três situações, crescentes no grau de concretização da expressão erótica, o corpo de Andreas reage com cautela, antecipando reações pautadas por sistemas de classificação que não preveem esse tipo de expressão naquele espaço de interação. Com efeito, o corpo parece ter internalizado o sistema de controle e disciplina que condiciona o modo como relacionamentos eróticos devem ser concretizados e simbolizados nas diferentes esferas sociais. Nisso, o desconforto é o reflexo afetivo, cuja origem reside na interpretação de realidade que circula por esse espaço cultural. Essa constelação afetiva, contudo, raramente se torna consciente, imperando sobre as ações do sujeito, sem que este perceba como seu comportamento assume contornos a partir dessa coloração oriunda dos afetos.

Aos poucos e num processo de recondição afetivo, Andreas aprende a suportar a diferença produzida pelos olhares de controle. Nisso, Peter o conduz com mais segurança, sem se importar com o potencial de dissidência que seus atos possivelmente põem em prática:

Peter küsste ihn, mitten auf dem Hof, wo Leute von der Straße es hätten sehen können. Es war das erste Mal, dass sie hier auf dem Dorf Zärtlichkeiten außerhalb ihrer vier Wände austauschten. Aber was sollte es auch. Es war gewiss kein Geheimnis. Sie waren zwei Männer, die zusammenlebten.

Die Nachbarin erzählt, dass es paar dumme Bemerkungen gab, als sich herumsprach, wer das Haus gekauft habe. Was sie sich da wohl auf den Hof geholt hätten. Dumme Vermutungen. Aber das legte sich schnell, und es kümmerte sie nicht weiter. (WALTHER, 2011, p. 95-96)³.

Já a compra da casa num vilarejo demanda do casal um certo grau de coragem, entendida aqui como disposição afetiva disposta a processar os diferentes níveis de hostilidade que possivelmente vão tentar reconduzi-los a um regime de subordinação às práticas majoritárias. Nesse contexto, o beijo no espaço público, caracterizado justamente por um grau de vigilância e imposição muito maior que, por exemplo, num centro urbano, indica o desejo de tornar conhecido o projeto de identidade que o casal defende e deseja para si. Nisso, há um movimento em que indiretamente solicitam a revisão dos sistemas de classificação disponíveis, indicando que sexualidade e identidade íntima podem ser organizadas de outro modo.

Para Andreas, esse passo na concatenação dos eventos de sua identidade pessoal representa uma grande mudança, pois houve uma alteração no modo como ele administra o impacto afetivo desencadeado por essas situações. Em primeiro lugar, ele suporta com maior segurança a exposição da indicação erótica no espaço público e aceita, com menos desconforto, que outros atores sociais tenham conhecimento sobre o status de seu relacionamento com Peter. Isto é, ao construir a narrativa de sua identidade a partir dessa configuração, ele começa a negociar com maior intensidade os signos que a compõem, levando em consideração a imagem que circula dele no espaço social, sem que isso signifique simplesmente adotar os sistemas de classificação previstos por esses atores sociais. Assim, seu processo de formação, no que tange ao condicionamento afetivo, oferece-lhe um instrumental para suportar e frear os movimentos de disciplinamento, adotando para si um novo sistema no qual a classificação da sexualidade prevê novas formas de ser concretizada.

Ao contrário de Andreas, Peter apresenta um arsenal muito maior de estratégias para dar conta das configurações afetivas que surgem a partir da hostilidade inerente

³ “Peter o beijou, no meio do pátio, onde as pessoas podiam ter visto da rua. Foi a primeira vez que trocavam carinhos aqui no vilarejo, fora de suas quatro paredes. Mas também, o que importava. Certamente não era segredo. Eram dois homens que viviam juntos.

A vizinha contou que houve alguns comentários bestas quando ficaram sabendo quem comprou a casa. O que será que foram se arrumar no próprio quintal. Suposições bobas. Mas logo parou, e isso não os incomodou mais” (WALTHER, 2011, p. 95-96).

“Zu fremd sind seinem körper diese empfindungen geworden”: aprendendo com os desafios no romance *Im zimmer wird es still*, de Jan Walther

aos sistemas de classificação. Esse comportamento já se destaca no primeiro relacionamento, onde muitas iniciativas partem dele para desbravar novos espaços, nos quais pudesse viver seus relacionamentos sem a sanha vigilante dos membros pertencentes ao grupo majoritário. A fim de evitar qualquer questionamento, contudo, seu primeiro parceiro autocontrola seus próprios movimentos de tal modo que isso impede o desenvolvimento de uma narrativa de identidade em consonância com aquilo que Peter prevê para si. Essa internalização cabal do regime de controle alheio acaba causando a ruptura por parte de Peter (WALTHER, 2011, p. 79-81).

Uma outra frente de controle e classificação surge na própria família. Os pais de Peter não se opõem explicitamente ao modo como o filho concretiza sua identidade erótica, mas o modo como investem energia afetiva revela seu posicionamento. Assim, ao trazer o parceiro para a casa dos pais, o encontro permanece afetivamente distante, sem esforços por parte dos pais no sentido de acolher o parceiro. Isso também vale noutra situação crucial, a saber, quando Peter já se encontra em fase terminal do câncer e seus pais optam por não visitá-lo na casa onde mora com Andreas, preferindo viajar aos EUA, onde mora outro filho, professor em Yale e pai de família. Esses comportamentos não representam um movimento de hostilidade explícita, mas indicam, por meio do empenho afetivo, onde os pais posicionam o filho na hierarquia contida em seu sistema pessoal de classificação.

Enquanto os pais não expressam explicitamente seu desamor pela narrativa de identidade erótica do filho, o irmão não hesita em expressar sem meandros ódio e desprezo:

Sein Neffe, der so alt wie Andreas war, kam zu Besuch und stellte ihnen seine amerikanische Verlobte vor und lud sie zu ihrer Hochzeit ein. In den USA verhielt sich sein Bruder unmöglich. Er wollte Andreas nicht bei der Hochzeit dabei haben, machte ihm Vorhaltungen, dass er ihn einfach mitgebracht habe. Was denn die Brauteltern, die überzeugte Christen seien, denken sollte. Wie er das nur seinem Neffen antun könne. Das alles vor Andreas, den er wie Luft behandelte. (WALTHER, 2011, p. 101)⁴.

O casamento, como ritual de passagem, definitivamente é um lugar de afirmação e manutenção das identidades eróticas. No sistema de classificação do irmão, a única narrativa válida é aquela empreendida por ele e mantida pelo filho. Nisso, a presença do irmão ainda lhe parece tolerável, mas não a afirmação de sua identidade, afirmada aqui com a presença de Andreas.

⁴ “Seu sobrinho, que tinha a mesma idade de Andreas, veio de visita e lhes apresentou sua noiva americana e os convidou para o casamento deles. Nos EUA, seu irmão se comportou de modo impossível. Ele não queria Andreas no casamento, o recriminou por simplesmente tê-lo trazido. O que os pais da noiva, que são cristãos convictos, pensariam. Como ele pôde ter feito isso com seu sobrinho. Tudo isso na frente de Andreas, o qual travava como se fosse ar.” (WALTHER, 2011, p. 101).

Peter, no entanto, não se esquivava do confronto, trazendo à tona um capital afetivo substancial, o qual lhe permite escudar esse tipo de ataque, sem permitir que tenha um impacto sobre sua dignidade pessoal. Dissidência, nesse contexto de classificações, parece exigir, antes de mais nada, uma base afetiva suficientemente sólida para processar a intensidade de comportamentos hostis em todas as esferas da interação social. Enquanto Peter a tem, Andreas ainda precisa construí-la.

2. O princípio do prazer como valor

Talvez seja possível afirmar que por muitos séculos a função da sexualidade residia na reprodução. Com o advento dos movimentos de emancipação da década de 1960 e com as técnicas de maior controle do corpo, o prazer passa a ter um lugar de maior destaque, consolidando-se paulatinamente como um valor central na construção de identidades. Com a diminuição da estigmatização social da sexualidade fora do matrimônio, a busca pelo prazer aumentou sua velocidade, assumindo cada vez mais um papel que define o grau de êxito existencial.

No romance, há dois eixos importantes, nos quais a busca pelo prazer é problematizada: o início do relacionamento, quando o casal se conhece, e o final, quando um dos parceiros se encontra em fase terminal de câncer. Nas duas situações, há revisões desse imperativo do prazer em prol de valores que preveem outras narrativas de identidade. Assim, no início do relacionamento, o casal se vê confrontado com desafios que põem em risco a estabilidade da união:

Oft gingen sie nicht mehr unbefangen miteinander um. Andreas ängstlich, dass er mehr wollen könnte, er selbst lustlos, weil er nichts als Enttäuschung erwartete. An manchen Tagen machte es ihn wahnsinnig, Andreas wie ein rohes Ei behandeln zu müssen. Manchmal wollte er ihn einfach nur vögeln, so geil war er. (WALTHER, 2011, p. 32)⁵.

Acostumado a uma celeridade maior na concretização da sexualidade, Peter se dispõe a rever seu modo de se apropriar da realidade, a fim de seguir o passo adotado por Andreas. Este encontra grandes dificuldades de harmonizar corpo, desejo e expressão, precisando de uma quantidade substancial de tempo para confiar em si e no parceiro, a fim de permitir que a performance erótica aflore a sua consciência e possa se materializar de forma satisfatória para ele. Peter, por sua vez, se encontra em outro estágio de sua vida, apresentando domínio das redes

⁵ “Muitas vezes, eles já não tinham mais um convívio natural. Andreas com medo de que ele pudesse querer mais, ele mesmo sem vontade, porque não esperava outra coisa que decepção. Em alguns dias, ele ficava louco por ter que tratar a Andreas como uma peça delicada. Às vezes ele simplesmente só queria transar de tanto tesão que tinha” (WALTHER, 2011, p. 32).

significativas do corpo e encontrando, com naturalidade, formas de expressar e concretizar seus anseios. Diante desse descompasso, eles precisam negociar formas de administrar suas respectivas necessidades de prazer, sem transgredir as barreiras de cada um.

A passagem citada ilustra um momento no qual o casal parece ter alcançado um impasse, precisando rever em conjunto o modo como pensa o futuro. Até esse momento do enredo, Peter investe sua energia afetiva, no sentido de acompanhar o passo de Andreas, para que ele possa encontrar por si um caminho que atenda às necessidades de ambos, renunciando a uma expressão da sexualidade dentro dos moldes daquilo que pode conceber para si. O que caracteriza esse início de relacionamento é um esforço substancial de disciplinamento de uma sexualidade desenfreada juntamente com seu imperativo do prazer, a fim de investir numa constituição íntima que permita a imaginação sólida de futuro.

Com efeito, Peter relega sua sexualidade para o segundo plano, priorizando uma narrativa de identidade, na qual outros valores têm preferência, a saber, aqueles que permitem o princípio construtivo do relacionamento e de proteção da imagem do outro. Nisso, ele se afasta de gêneros de narrativas de identidade que buscam a encenação otimizada do prazer e sua reiteração ininterrupta, com o fito de reforçar seus êxitos no plano da vida privada. Por fim, o casal resolve esse descompasso e encontra uma forma de viver seus desejos, de modo que preveja as necessidades de ambos. Para isso, contudo, foi necessário rever o lugar do prazer na hierarquia de sentidos existenciais. Nesse contexto, talvez seja possível afirmar que esse caminho da renúncia discorde das narrativas pautadas pelo imperativo do prazer, criando um comportamento dissidente no plano das decisões pessoais.

Esse mesmo comportamento volta a surgir ao final do relacionamento, agora em posições inversas. Peter se encontra em fase terminal de câncer, exigindo de Andreas uma alteração na forma como administra os anseios do corpo. Como Peter, no início, ele também experimenta, nesse momento do desenvolvimento diegético, uma intensificação das exigências do corpo que não podem ser atendidas. Aqui o descompasso se torna ainda mais acentuado, diante do confronto diário com o corpo fragilizado e extremamente enfraquecido do parceiro. O que antes despertava seu desejo, agora o afasta, pois revela um corpo tomado pela destruição do câncer (WALTHER, 2011, p. 39-41). Embora nesse momento a preocupação com a diferença de idade e a imaginação de futuro tenham um lugar de destaque nas negociações de identidade empreendidas por Andreas (WALTHER, 2011, p. 86), também ele opta por um outro conjunto de valores, igualmente relegando o imperativo do prazer para o segundo plano.

Embora Peter se encontre fragilizado por conta da doença, ele sugere a Andreas um envolvimento com o amigo Mark, desconstruindo, portanto, o monopólio inerente a configurações monogâmicas. Andreas, por sua vez, vê-se confrontado com a premência do desejo, por um lado, e suas convicções morais, por outro:

Er bemüht sich, das Gefühl abzuschütteln. Es ist ja gar nichts dabei gewesen. Er kann doch Mark umarmen, von ihm gehalten werden. Doch die Intensität seines Verlangens hat ihn erschreckt. Er versucht es einzuordnen, zu legitimieren, bleibt aber verwirrt. Mark trinkt seinen Kaffee. Er schaut aus dem Fenster, hält sich an seiner Kaffeetasse fest. (WALTHER, 2011, p. 44-45)⁶.

Nisso, o corpo se impõe como instância, cuja produção de sentido está além das malhas culturais que formam a base da narrativa de identidade e o arremessa para uma esfera que foge do processo consciente de volição. Essa dimensão do próprio corpo ainda era desconhecida para Andreas, exigindo dele um empenho no sentido de disciplinar o próprio desejo, a fim de permanecer fiel ao pacto de valores que nortearam esse relacionamento. Como Peter em outro momento, Andreas reprime o imperativo do prazer e pauta suas ações a partir de outras interpretações de realidade.

Nesse contexto, o silêncio que se faz no quarto – aludindo ao título do livro – se refere, num primeiro plano, à ausência de uma sexualidade vivida ativamente. O prazer de outrora está silenciado diante do corpo danificado. Ao mesmo tempo, contudo, essa imagem, que volta reiteradamente quando um dos parceiros quer se certificar que o outro está bem por meio da babá eletrônica (WALTHER, 2011, p. 98), indica um relacionamento pautado por outros critérios. O prazer da sexualidade se transforma em algo secundário e é substituído por uma comunicação intensificada, a qual consegue ler os sentidos do corpo a partir de outra lógica semiótica. Nesse comportamento não há militância, ainda menos por conta da ausência de uma reflexão ativa que articule um posicionamento legitimador dos comportamentos. Por outro lado, contudo, o disciplinamento das exigências do próprio corpo em prol de um projeto de vida não norteado pelo imperativo, às vezes intransigente, do prazer parece representar um movimento de discordância.

Considerações finais

Em muitas passagens do romance, os protagonistas rememoram sua história pessoal e reconstróem o caminho percorrido para alcançar uma vivência da sexualidade em consonância com as necessidades experimentadas por cada um deles. Grande parte dessa rememoração está direcionada ao processo de negociação dos sistemas de classificação, revelando as respectivas estratégias para administrar o impacto de negação e exclusão. Para isso, o desenvolvimento

⁶ “Ele se esforça em se desfazer desse sentimento. Não aconteceu nada. Ele pode muito bem abraçar a Mark, ser segurado por ele. Porém a intensidade de seu desejo o assustou. Ele tenta ordená-lo, legitimá-lo, mas permanece confuso. Mark toma seu café. Ele olha pela janela, se atém a sua xícara de café.” (WALTHER, 2011, p. 44-45).

“Zu fremd sind seinem körper diese empfindungen geworden”: aprendendo com os desafios no romance *Im zimmer wird es still*, de Jan Walther

de um capital afetivo sólido se mostra indispensável para rever os dispositivos existentes e encontrar um lugar adequado de articulação e expressão. O outro eixo dessa lembrança se volta para o modo como cada um dialoga com os imperativos do prazer. Ambos são confrontados com as possibilidades de um corpo irracional, o qual teria a chance de seguir o caminho de acesso rápido às ofertas de prazer. Ambos, contudo, optam por substituir o imperativo do prazer por valores de proteção e imaginação de futuro.

O excerto que a realidade diegética se propõe a expor mostra um momento em que essa sexualidade arduamente conquistada – no conflito com sistemas de classificação e com o imperativo do prazer – desvanece por conta do corpo danificado: *“Zu fremd sind seinem Körper diese Empfindungen geworden”* (WALTHER, 2011, p. 26)⁷. Ela não deixa de existir, mas se concretiza de outra forma, a partir de um corpo com outra realidade de produção de sentidos. Mesmo no extremo da dor, ela tem um papel fundamental para a produção de sentido existencial, ordenando uma configuração teleológica que permite olhar para trás e derivar da memória a afirmação pessoal da vida.

MATHIAS, D. *“Zu fremd sind seinem körper diese empfindungen geworden”*: learning with challenges in the novel *Im zimmer wird es still*, by Jan Walther. **Itinerários**, Araraquara, n. 48, p. 253-264, jan./jun. 2019.

■ **ABSTRACT**: *The novel Im Zimmer wird es still, published in 2011 by Jan Walther belongs to a group of fictional works in German literature which deals with the question of sexuality. Sexuality is conceptualized, in this context, as a set of cultural norms valid in a certain social space which disciplines the ways pleasure and desire can be lived. In this sense, this article aims to discuss (1) how the main characters of this novel deal with classification systems valid in their interaction scope and (2) the way they insert the imperative of pleasure in their personal identities. In both these aspects, their behaviour seems to have clear elements of dissidence.*

■ **KEYWORDS**: *Jan Walther. Im Zimmer wird es still. Sexuality.*

REFERÊNCIAS

BRISTOW, Joseph. **Sexuality**. London; New York: Routledge, 1997.

HANSEN, Klaus P. **Kultur und Kulturwissenschaften**. Tübingen e Basel: A. Francke Verlag, 2003.

⁷ “Demasiado estranhas se tornaram a seu corpo essas sensações” (WALTHER, 2011, p. 26).

TIEFER, Leonore. **Sex Is Not a Natural Act and Other Essays**. Boulder: Westview Press, 1995.

WALTHER, Jan. **Im Zimmer wird es still**. Berlin: Bruno Gmünder Verlag, 2011.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality**. London: Tavistock, 1986.

